

# Entre as ondas de Virginia Woolf: entrevista com Patricia Marouvo

Patricia Marouvo Fagundes (UERJ)<sup>i</sup>

## Entrevistadoras:

Paula P. Ramos (UERJ/CAPES)<sup>ii</sup>

Marcela Azevedo (UERJ/CAPES)<sup>iii</sup>

Como uma das entrevistadas para a edição de miscelânea da revista discente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a *Palimpsesto* tem o prazer de dialogar com Patricia Marouvo. A conversa gira em torno de sua produção acadêmica sobre a autora inglesa Virginia Woolf e de seus projetos de pesquisa e de extensão, focando sobretudo em leituras contemporâneas de Woolf, da sua contemporaneidade e da poética hídrica que Marouvo desenvolve para pensar o romance *As ondas* (1931), assim como o tema do devir-minoritário em outros trabalhos da autora.

Marouvo é doutora em Letras na área de Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde também cursou mestrado na área de Poética e graduação em Letras Português/Inglês. Atualmente trabalha como professora adjunta de Literatura Inglesa na UERJ, local onde também fez estágio pós-doutoral com pesquisa sobre o quarteto sazonal de Ali Smith. Entre suas produções

---

<sup>i</sup> Doutora em Letras na área de Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UERJ). Possui mestrado e graduação em Letras pela UFRJ. É professora adjunta de Literatura Inglesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É autora do livro *Uma poética hídrica em The Waves, de Virginia Woolf* (2021). Participa como pesquisadora no Grupo de Estudos em Literatura e Estudos Comparados (UFAC) e KEW – Kyklos de Estudos Woolfianos (UFSC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5506-953X> | E-mail: [patriciamarouvo@yahoo.com.br](mailto:patriciamarouvo@yahoo.com.br)

<sup>ii</sup> Doutoranda em Estudo de Literatura, especialidade em Literaturas de Língua Inglesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Editora-chefe da revista *Palimpsesto*. Membro do grupo de pesquisa Poéticas identitárias (CNPq). Bolsista CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9148-9240> | E-mail: [poperamos@gmail.com](mailto:poperamos@gmail.com)

<sup>iii</sup> Doutoranda em Letras — Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Membro do corpo editorial da revista *Palimpsesto*. Bolsista CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7913-6960>. | E-mail: [marcelaansaloni@hotmail.com](mailto:marcelaansaloni@hotmail.com)

bibliográficas, encontram-se *Uma poética hídrica em The Waves, de Virginia Woolf* (2021), e *Vozes femininas na literatura* (EDUFAC, 2020) e *A prosa poética de Virginia Woolf* (Ape’Ku, 2021), livros que co-organizou. A professora desenvolve ainda pesquisa nos seguintes grupos: Grupo de Estudos em Literatura e Estudos Comparados (UFAC) e KEW – Kyklos de Estudos Woolfianos (UFSC).

Com carinho, agradecemos-lhe por dedicar seu tempo e conceder esta entrevista que, esperamos, possa guiar pesquisadores engajados nas mesmas áreas.

## **PALIMPSESTO**

1) Os seus projetos são direcionados, sobretudo, à produção literária e ensaística de Virginia Woolf, grande autora do século XX inglês. Entre artigos, capítulos de livros e até mesmo livros inteiros publicados, você se ocupa principalmente do romance *As ondas* (1931). Como é comum em nossas entrevistas, sempre nos agrada perguntar sobre a trajetória pessoal e profissional de nossos entrevistados. Não é estranho escutar no meio acadêmico que não escolhemos a nossa pesquisa, mas, na verdade, é ela que nos escolhe. Assim, você poderia dizer, mesmo que brevemente, o que despertou o seu olhar para Woolf e *As ondas*, mais especificamente?

## **PATRICIA MAROUVO**

Primeiramente, gostaria de agradecer o convite da Revista *Palimpsesto* para participar desta edição como professora-pesquisadora em entrevista! Venho acompanhando de perto o trabalho realizado, tendo contribuído como articulista e parecerista, e parabênzo pela nota alcançada recentemente, a Revista tendo sido contemplada com Qualis B1 pelo CNPq.

Respondendo à pergunta, eu diria que o romance *The Waves* [*As ondas*], de Virginia Woolf, me instigou à pesquisa de maneira muito natural, quase como um passo seguinte necessário a ser dado na minha trajetória acadêmica. Tendo acabado de realizar minha pesquisa de mestrado sobre o romance *Água viva* (1973), de Clarice Lispector, minha intenção era desenvolver um estudo comparado de ambas as obras. Eu não contava, porém, com o tamanho que minha admiração pela obra woolfiana iria tomar, e daí o projeto de pesquisa do doutorado acabou adquirindo outros contornos. A forma do romance me atraiu bastante, pois foi um espanto encontrar a caracterização das

personagens Bernard, Neville, Louis, Jinny, Susan e Rhoda feita de maneira tão particular, dando-se como em ondas que ciclicamente se sobrepõem e se confundem em movimento contínuo. Pensar a identidade com base nessa alteridade radical de uma grande Onda abstrata, como Deleuze e Guattari sugerem no volume 4 da coletânea *Mil platôs* (2012), me pareceu uma chave de leitura interessante para entender o grau de união/separação das personagens em seu processo de amadurecimento no decorrer dos anos. Ademais, os interlúdios também se mostraram bastante sugestivos de um gesto criativo que buscasse repensar a forma do gênero romance, além de servirem de conexão do mundo humano com a vida não humana, algo que também permitiria uma leitura filosófica da obra woolfiana. Enfim, à medida que me aprofundava no debate crítico sobre o romance – em especial, lendo Goldman (2001; 2004), Bradshaw (2015) e Marcus (2004) –, fui me deparando com elementos ali presentes que realinharam meu entendimento de modo a contemplar sua obra como uma estética política. Penso aqui, mais especificamente, as questões feministas (tematizadas na incorporação de figuras femininas marginais nos interlúdios, por exemplo) e anti-imperialistas (mais bem sintetizadas na sétima personagem Percival, o herói solar que deveria consertar os erros Orientais, mas que, parodicamente, morre acidentalmente por conta de um tropeço de seu cavalo) que tingem as páginas do romance *The Waves*.

## **PALIMPSESTO**

2) Em seu artigo, “Unveiling the contemporary in Virginia Woolf” [Revelando o contemporâneo em Virginia Woolf], você discute a avaliação crítica de Woolf sobre a contemporaneidade de seus contemporâneos, assim como também lança luz sobre questões filosóficas que encontramos na escrita da autora inglesa. Ao longo do texto, você põe em conversa Woolf (com “Um esboço do passado”, “The Modern essay” [O ensaio moderno] e “How it strikes a contemporary” [Como se atinge um contemporâneo]) com o filósofo italiano Giorgio Agamben. O último, em “O que é contemporâneo?” (2009), trata da dificuldade de se apreender o momento presente, a não ser pelo distanciamento da própria realidade, do próprio tempo. Para ele, o contemporâneo “é exatamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente” (2009, p. 63), algo que você compreende como a condição dupla de “*belonging*” [pertencimento] e “*unbelonging*” [não pertencimento] (MAROUVO, 2021, p. 218). Em “How it strikes a contemporary”, você aponta o argumento que Woolf faz em relação aos seus contemporâneos:

Por outro lado, os contemporâneos de Woolf, argumenta ela, aproveitam ao máximo as oportunidades sensoriais que lhes são disponibilizadas, convergindo para algo que parece tornar a experiência completa. E, no entanto, continuam sem sucesso, errando o alvo e deixando seus leitores com a sensação de ilogicidade.<sup>1</sup> (2021, p. 218)

Figuras que não seriam, portanto, capazes de cruzar experiências, notadamente a masculina e a feminina, resultando no que Woolf defende como a androginia, capaz de “revela[r] a possibilidade de uma mente que se move além da afirmação da mesmice”<sup>iii</sup> (MAROUVO, 2021, p. 223), sendo William Shakespeare o exemplo primordial de uma mente andrógina na literatura. Cruzando, como você faz ao longo do texto, androginia com a ideia de contemporâneo do Agamben, seria possível dizer que Woolf de certo modo antecipa o filósofo italiano quando se questiona sobre o papel de seus contemporâneos? Além disso, você poderia falar um pouco mais das relações que podem ser feitas, se é que existem, entre a androginia de Woolf e a qualidade do contemporâneo de Agamben?

## PATRICIA MAROUVO

Não diria necessariamente que Virginia Woolf antecipa Agamben, mas, sim, que ela consegue realizar uma leitura crítica de seus contemporâneos, o que, de certo modo, significa pôr em prática a não adesão completa às tendências literárias de seu tempo, ou seja, ela não se guia tão somente pela recepção do público e dos críticos ou se limita a uma lógica de mercado. Ao fazer isso, e vale lembrar que a Hogarth Press dá muita liberdade a Woolf para escrever e publicar suas obras, ela admite a possibilidade de reconfigurar relações em seus escritos, pensando as mais variadas técnicas que hoje cunhamos como modernistas a fim de esteticamente embasar sua visão que também é um ataque político às instituições que chegam aos eduardianos e georgianos (para utilizar as expressões que Woolf elenca ao designar seus contemporâneos em “Modern Fiction” (1925)) como um legado vitoriano que precisa ser recebido de maneira diferente.

Isso se dá em grande parte na crítica à construção de gênero tecida em sua obra como um todo, o masculino sendo veementemente atacado quando representativo do apagamento das diferenças incorporadas pelo Outro, nesse caso, mais especificamente, entendido como feminino, já que estamos trabalhando com o legado de opostos binários. Uma observação, entretanto, é a força que uma leitura *queer* admite ao enxergar na obra woolfiana o movimento que a autora faz indo além desses construtos. O romance *Orlando, A Biography* [*Orlando: uma biografia*] (1928) é um excelente

exemplo na medida em que o/a biógrafo/a na biografia-romance que escreve sobre Orlando promove uma confusão dos gêneros que não explica a transformação por que passa a personagem ao um dia acordar mulher aos 34 anos de idade, sem, contudo, ter perdido sua memória da vida anterior quando ainda era um homem. Acredito que aqui vale citar essa passagem do romance, inclusive, pela clareza, pelo senso de humor e pela avaliação crítica que faz à construção de gêneros:

Podemos tirar vantagem dessa pausa na narrativa para fazer certas declarações. Orlando tinha se tornado uma mulher – não há como negar isso. Mas em todos os outros sentidos, Orlando permanecia exatamente como ele havia sido. A mudança de sexo, ainda que alterasse seu futuro, em nada alterava sua identidade. Seu rosto permanecia, como seus retratos provam, praticamente o mesmo. Sua memória – mas no futuro deveremos, por questões de convenção, dizer “dela” ao invés de “dele”, e “ela” ao invés de “ele” – sua memória então, lembrava todos os eventos de sua vida passada sem encontrar qualquer obstáculo. Alguma ligeira nebulosidade podia haver, como se algumas gotas escuras se precipitassem nas águas cristalinas da memória; algumas coisas haviam se tornado um pouco turvas; mas era só isso. A mudança parecia ter sido alcançada sem dor e por completo de tal modo que a própria Orlando não se surpreendia. Muitas pessoas, levando isso em consideração e acreditando que tal mudança de sexo vai contra a natureza, com grande esforço queriam provar (1) que Orlando sempre havia sido uma mulher, (2) que Orlando é um homem neste exato momento. Que os biólogos e psicólogos determinem. É mais do que suficiente para nós declarar o simples fato; Orlando era um homem até seus trinta e quatro anos; quando ele se tornou uma mulher e assim permanece até hoje.<sup>iii</sup> (WOOLF, 2015, p. 83-84)

Marcações linguísticas como “ele”, “ela”, “dele” e “dela” são tidas como meras convenções que não dão conta da complexidade do movimento de vir a ser. Similarmente, a tentativa de redução da mudança de sexo por que passa Orlando para algo factível ou lógico é ironizada pela voz narrativa. Isso porque não acompanha a dinamicidade com que a personagem se metamorfoseia em outros *eus* no decorrer de quase 400 anos, desde o Renascimento inglês até 1928 (data em que o direito ao voto foi estendido a mulheres acima de 21 anos de idade), perfazendo um paralelo com a ideia de uma identidade britânica, reescrita via androginia. É por meio desse não alinhamento com um sentimento misto de nacionalismo e patriarcalismo no entre guerras que Woolf redesenha contornos de uma identidade britânica inclusiva da diferença, e por isso, altamente contemporânea por enxergar a escuridão nas luzes de seu tempo.

## PALIMPSESTO

3) Na introdução ao seu livro, *Uma poética hídrica em The Waves, de Virginia Woolf*, você nos diz, fazendo um enlace entre romantismo e modernismo, que:

A leitura modernista, no entanto, torna contemporâneo o olhar romântico exatamente por ainda questionar o próprio conceito de identidade de um sujeito que se põe no mundo, antecipando o que, com os pós-modernistas, entenderíamos ser a contínua construção de identidade a partir da alteridade. (MAROUVO, 2021, p. 13)

Você aloca Woolf nessa tendência modernista (e romântica) de criar tensão entre os limites dos contornos da identidade quando propõe, como uma espécie de ética da alteridade, o encontro com o outro como forma de encontrar a si mesmo. Nesse sentido, como Woolf se encaixa nessa atitude não só modernista, mas também da filosofia contemporânea?

## PATRICIA MAROUVO

O intuito de aproximar a obra woolfiana de textos da filosofia contemporânea no livro era não só mostrar o quão atuais ainda são as questões que mobilizam seus escritos, mas também atentar à possibilidade de desdobramento filosófico das mesmas, com base na seguinte passagem de “A Sketch of the Past” [Um esboço do passado], suas memórias escritas entre 1939 e 1940:

A partir disso, alcanço o que poderia ser chamado de uma filosofia; de todo modo, é uma ideia minha constante; que por trás do algodão cru está escondido um padrão; que nós – quero dizer todos os seres humanos – estamos conectados a isso; que o mundo é uma obra de arte; que nós somos partes dessa obra de arte. *Hamlet* ou um quarteto de Beethoven é a verdade sobre essa grande massa que chamamos de mundo. Mas não há Shakespeare, não há Beethoven; certa e enfaticamente não há Deus; somos as palavras; somos a música; somos a coisa em si mesma. E vejo isso quando tenho um choque.<sup>iv</sup> (WOOLF, 1985, p. 72)

Refletir sobre esse impulso filosófico da autora significava pensar os mundos operados nas obras de arte; mais especificamente, no meu caso, eu queria pensar sobre o fazer literário ainda possível ao escritor em *The Waves*, Bernard em seu resumo final. Ao fazer menção às palavras (e aqui incluo o silêncio) que somos, Woolf sinaliza o potencial resguardado na linguagem para pensar o humano e aquilo que fazemos dos

cacos da tradição, dando forma a um todo. Igualmente, Bernard tenta, pelos caminhos tortuosos da memória, recontar o que foi sua vida e a de seus amigos a um ouvinte em um restaurante – tentativa essa analogamente comparada ao apanhar um cacho de uvas em suas mãos e passá-lo adiante. A linguagem, porém, parece falhar ao impossibilitar um discurso unívoco e teleológico, fazendo-se necessário, enfim, o uso de uma linguagem menor, quebrada, como o balbuciar das crianças ou o murmúrio dos amantes. Somente assim, Bernard pondera, seria possível sugerir ou acenar para uma narrativa da qual se fizesse um todo entrecortado por diferentes perspectivas, reorganizando relações representacionais e os sentidos continuamente reconstruídos no texto. A colagem, uma das formas de composição das artes literárias e visuais amplamente utilizada no modernismo, segundo Goldman (2004), auxilia Bernard nessa tarefa, na medida em que reúne a pluralidade de vozes que o constituem.

Em minha resposta ao romance de Woolf, também quis fazer uso dessa colagem, trazendo as vozes da crítica especializada e da filosofia contemporânea ao meu estudo. Mais especificamente, quanto à questão identidade posta em tensão com a alteridade, achei que seria profícuo, como disse anteriormente, trabalhar com Deleuze e Guattari (2012) em sua leitura do romance *The Waves*. Segundo os filósofos franceses, uma grande Onda abstrata parece percorrer todo o plano da narrativa e coadunar todas as personagens num mesmo e único movimento de desterritorialização por diferentes linhas de fuga. Assim, qualquer tentativa de circunscrição de identidades efetivadas com base nos mais diversos papéis sociais, idades e sexos se torna frustrada, na medida em que essas dimensões se confundem e se interpenetram, junto mesmo aos elementos e reinos naturais, impossibilitando a cristalização de movimentos vitais que fogem a um único centro, um absoluto modo de compreensão e manifestação da realidade.

## **PALIMPSESTO**

4) Ainda sobre *Uma poética hídrica em The Waves, de Virginia Woolf* (2021), você resgata Gaston Bachelard e *A água e os sonhos* (1942) para discutir as imagens de água que, por sua vez, trazem a ideia de um duplo: mesmo em uma superfície que parece monótona e tranquila, pode haver, escondido por baixo, uma corrente selvagem que nos arrasta para longe. Longe de quem imaginamos ser e mais perto do outro, que nos compõe. Assim você desenvolve a sua poética hídrica em *As ondas*: “Reunidos no seio

da linguagem, o fluir da vida humana e o fluir do ser misturam-se a correntes do devir da poética hídrica que é *The Waves*” (MAROUVO, 2021, p. 121). Esse romance de Woolf é inundado por referências à água, que você resgata a todo momento ao longo de seu livro. Fica, portanto, a curiosidade de saber se a poética hídrica que você identifica em *As ondas*, alusão presente desde o título, se torna maré também em outras produções ficcionais e ensaísticas da autora. Além disso, para quem ainda não conhece o livro, você poderia falar um pouco mais sobre a sua poética hídrica?

## PATRICIA MAROUVO

Por poética hídrica quis me referir ao que entendo ser um complexo metafórico da água que perpassa o romance *The Waves*, tanto nos interlúdios como nos episódios que seguem. As diferentes maneiras como a água é apresentada mobilizam e integram não só as personagens principais em seus fluxos e devires no processo de amadurecimento da consciência desde a infância até a velhice como também referencia o enquadramento da narrativa em consonância com o elemento não humano. Penso em exemplos que vão desde a gota d’água quando Bernard se barbeia, que equiparo a um momento epifânico ou, em termos woolfianos, um *moment of being*, aos ciclos naturais, que também abarcam vida humana ainda que na Modernidade sejamos levados a acreditar na separação entre natureza e cultura. Segundo Bachelard (2002, p. 193), “a água é a senhora da linguagem fluida, da linguagem sem brusquidão, da linguagem contínua, continuada, da linguagem que abranda o ritmo, que proporciona uma matéria uniforme a ritmos diferentes”, o que pode ser encontrado no romance, em especial se considerarmos a maneira como os solilóquios de diferentes personagens se interpenetram na apropriação de imagens visuais e acústicas, além da sinuosidade de metáforas presentes nos interlúdios que se infiltram nos episódios da vida humana.

Quanto a outros exemplos de uma poética hídrica, arrisco sinalizar a vastidão de águas que separa Rachel Vinrace de sua terra natal em sua jornada de amadurecimento em *The Voyage Out [A viagem]* (1915), ou a umidade que toma a casa de veraneio da família Ramsay e sua viagem ao farol postergada por dez anos em *To the Lighthouse [Ao farol]* (1927), ou o fluxo de pensamento interrompido da narradora de *A Room of One’s Own [Um quarto só seu]* (1929) pelos remadores que atravessam o rio que serve de inspiração para suas reflexões, ou o retraimento da linguagem a que Woolf alude no ensaio “*Craftsmanship*” (1937) na passagem “Ao lermos, devemos permitir que os



sentidos velados no texto permaneçam velados, sugeridos, não afirmados; fluindo e indo de encontro uns aos outros como juncos no leito de um rio”<sup>v</sup> (WOOLF, 2009, p. 36). Esses poucos exemplos já dão alguma dimensão que esse elemento natural assume na obra woolfiana, e, com base em um mapeamento extensivo, poderia ser um recorte interessante para pesquisas futuras.

## **PALIMPSESTO**

5) No seu último texto publicado, no número um de 2022 da revista *Ártemis*, você traz uma perspectiva muito interessante sobre a figuração dos insetos woolfianos, o devir-inseto e os processos de formação identitárias e de gênero. Além disso, você argumenta que os contos “A apresentação” (1973) e “O vestido novo” (1927), de Virginia Woolf, possuem as características elencadas por Gilles Deleuze e Félix Guattari, em *Kafka – Por uma literatura menor* (1975), que são necessárias para serem denominados como uma “literatura menor”, que seriam “a desterritorialização da língua, a ligação do individual no imediato-político, o agenciamento coletivo de enunciação” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 39). Desse modo, o devir-minoritário propiciado pela literatura menor de Woolf atuaria como um ponto de partida para a reavaliação e mudança de comportamentos sociais repetitivos patriarcais. Mas esse devir-minoritário não ocorre também em outras obras canônicas da autora?

## **PATRICIA MAROUVO**

Com certeza! Nesse artigo referido, quis me debruçar no devir-inseto mais especificamente nos contos “A apresentação” e “O vestido novo”, mas são vários os devires que são desencadeados na obra woolfiana como um todo. Isso porque, de modo geral, Virginia Woolf procurava ativamente desterritorializar a língua inglesa, de modo a fazer conexões novas e trazer perspectivas outras que não as já consolidadas pelo uso rotineiro. Ainda no ensaio “*Craftsmanship*”, Woolf ressalta a necessidade de contextualização das palavras, que não vivem em dicionários, cujo intuito de organização e domesticação lexicais poderia levar à reterritorialização, ou seja, à estagnação de sentidos novos a serem acionados por usuários de uma língua, mas sim na liberdade larga da mente humana. Além disso, a movimentação errática das palavras aponta para um nomadismo que pode ser considerado perigoso politicamente, porque

não admite fronteiras intransponíveis entre classe, nacionalidade, raça, entre outras categorias identitárias, conforme pode ser percebido na passagem abaixo:

É apenas uma questão de encontrar as palavras certas e encadeá-las na ordem certa. Mas não podemos fazê-lo, porque elas não vivem em dicionários; elas vivem na mente. E como vivem na mente? De maneira variada e estranha, assim como seres humanos vivem, vagueando aqui e acolá, apaixonando-se e acasalando. É verdade que elas estão muito menos presas a cerimônias e convenções do que nós. Palavras nobres se acasalam com plebeias. Palavras inglesas com francesas, alemãs, indianas, afrodescendentes, se assim quiserem.<sup>vi</sup> (WOOLF, 2009, p. 89-90)

Ademais, o indivíduo está necessariamente conectado ao imediato-político na obra woolfiana, possibilitando acesso às ramificações de grandes eventos históricos. Isso porque é a partir dos casos individuais que toda a trama é tecida, interligando homens e mulheres de diferentes classes sociais e de diferentes nacionalidades. No romance *Mrs. Dalloway* (1925), por exemplo, ao constantemente fazer críticas ao Império Britânico na Índia e ao nos lembrar dos efeitos da Primeira Guerra Mundial, do genocídio armênio e da emigração para o Canadá, a voz narrativa costura diferentes instâncias históricas no arco de desenvolvimento de diversas personagens. Devemos lembrar que, na festa de Mrs. Dalloway, encontramos ninguém menos que o Primeiro Ministro. É nessa festa, inclusive, que Sir William Bradshaw e Richard Dalloway (um membro conservador do Parlamento) tentam aprovar um projeto de lei que lide com os efeitos do choque pós-guerra (BRADSHAW, 2009), cujas consequências impactariam Septimus Warren Smith diretamente se ele não houvesse se suicidado momentos antes no romance. Ou seja, essa festa possibilita diretamente que a voz narrativa se aproxime de cada convidado, sem perder de vista, no entanto, o contexto político maior do Império Britânico no pós-guerra em que as personagens estão inseridas.

Por fim, o agenciamento coletivo de enunciação nos escritos de Woolf se faz sentir na rede de interdependência tecida em suas obras, como é o caso de Judith Shakespeare em *A Room of One's Own*. Nesse ensaio, a narradora suplementa a história literária inglesa com uma personagem fictícia de modo a reimaginar futuros possíveis em que mulheres escritoras pudessem praticar sua arte e povoar espaços anteriormente trafegados tão somente por homens. As condições materiais que Woolf propõe com sua tese – um teto todo seu e 500 libras por ano – permitiriam uma rearticulação de papéis disponíveis e profissões abertas às mulheres em seu tempo. Ao dirigir-se ao público leitor por meio da voz narrativa do ensaio, a enunciação alcança a coletividade

exatamente por mirar na vida comum, que partilhamos, reunindo a todas com base na vulnerabilidade que consiste ser mulher em 1929 por mais que novas profissões a elas estivessem abertas, como bem resume a passagem abaixo:

Pois minha crença é de que, se vivermos aproximadamente mais um século – e estou falando na vida comum que é a vida real, e não nas vidinhas à parte que vivemos individualmente – e tivermos, cada uma, quinhentas libras por ano e o próprio quarto; se tivermos o hábito da liberdade e a coragem de escrever exatamente o que pensamos; se fugirmos um pouco da sala de estar e virmos os seres humanos nem sempre em relação uns com os outros, mas em relação à realidade, e também o céu e as árvores, ou o que quer que seja, como são; se olharmos mais além do espectro de Milton, pois nenhum ser humano deve tapar o horizonte; se encararmos o fato, porque é um fato, de que não há nenhum braço onde nos apoiarmos, mas que seguimos sozinhas e que nossa relação é para com o mundo da realidade e não apenas para com o mundo dos homens e das mulheres, então a oportunidade surgirá, e a poetisa morta que foi a irmã de Shakespeare assumirá o corpo que com tanta frequência deitou por terra.<sup>vii</sup> (WOOLF, 1990, p. 138)

## **PALIMPSESTO**

6) Você participa de dois grupos de estudos, o Grupo de Estudos em Literatura e Estudos Comparados (UFAC) e KEW – Kyklos de Estudos Woolfianos (UFSC). Você poderia comentar sobre o trabalho desenvolvido nesses grupos e também sobre a importância de pesquisadores se engajarem em atividades desse tipo?

## **PATRICIA MAROUVO**

Ambos os grupos foram criados recentemente, o GLIEC em 2019.2 e o KEW em 2021.2, tendo por função principal um trabalho colaborativo entre diferentes instituições do país de modo a criar uma rede de troca entre pesquisadores. Com o GLIEC, queríamos consolidar um grupo que enfocasse os estudos literários por meio de diferentes perspectivas críticas e teóricas. Alguns dos principais produtos desse grupo foram o colóquio “Vozes femininas na literatura” (UFAC), que coorganizei com a Profa. Dra. Maysa Dourado e a Profa. Dra. Maria Aparecida de Oliveira. Esse evento acabou nos inspirando a também organizar o livro *Vozes femininas na literatura* (EDUFAC, 2020), que contempla ensaios baseados nas palestras ministradas no evento assim como ensaios de participantes do GLIEC que, infelizmente, não puderam participar do colóquio por uma questão logística.

Com o KEW, o objetivo era reunir pesquisadores cujo tema de pesquisa conversasse diretamente com a obra de Virginia Woolf – uma rede que tem crescido cada vez mais no Brasil. Ainda em 2022, alguns dos produtos mais significativos foram o simpósio “Virginia Woolf e a escrita modernista” na ABRALIC [Associação Brasileira de Literatura Comparada], além do dossiê “Virginia Woolf e a cena modernista: 1922-2022” na Revista *Ártemis*, ambos organizados pelo Prof. Dr. Davi Pinho, pela Profa. Dra. Maria Aparecida de Oliveira e pela Profa. Dra. Nícea Nogueira. Também em 2022, tivemos o dossiê “Virginia Woolf e Jane Austen: Leituras centenárias” na Revista *Ipotesi*, que coorganizei com o Prof. Dr. Davi Pinho, a Profa. Dra. Maria Aparecida de Oliveira, a Profa. Dra. Maria Rita Drumond e a Profa. Dra. Nícea Nogueira. Ainda um produto conjunto tanto do GLIEC quanto do KEW é o “Celebrando Woolf”, fruto do projeto de extensão coordenado pelo Prof. Dr. Victor Santiago. Entendo que a importância principal desses grupos de pesquisa seja a colaboração possível entre pesquisadores, de modo que as diferentes pesquisas desenvolvidas tenham um espaço profícuo para diálogo e atualização, além dos esforços comuns de gerar novos produtos acadêmicos a serem divulgados.

## **PALIMPSESTO**

7) Desde o ano passado, você tem participado de um projeto de extensão que despertou o nosso interesse, o “Literatura Inglesa Brasil”. A missão do referido projeto, conforme descrita em seu website<sup>viii</sup> é:

Nossa busca é por uma universidade sem muros e sem fronteiras. Abrindo um canal de comunicação com a comunidade, procuramos enriquecer nossas práticas pedagógicas e acadêmicas com as trocas e o alcance oferecidos por uma plataforma digital e pelas redes sociais. Tendo como fio condutor a missão de repensar continuamente nossas práticas de ensino e pesquisa de literatura inglesa no nosso país, pretendemos investigar como as ferramentas oferecidas pelo campo das Humanidades Digitais podem ser incorporadas e produzidas no contexto do estudo e ensino de literatura estrangeira no Brasil.

É inegável o impacto que a tecnologia exerce nos dias atuais em todos os aspectos de nossas vidas, abrangendo desde a nossa capacidade de assimilar informações até o tempo que conseguimos manter o foco em um determinado assunto, além da acessibilidade à educação. Ademais, a questão da integração da universidade com a comunidade é uma temática recorrente no âmbito acadêmico. Gostaríamos de lhe

solicitar que expusesse um pouco acerca dos resultados obtidos com o projeto e em que medida a missão proposta tem sido realizada.

## **PATRICIA MAROUVO**

Venho acompanhando o Literatura Inglesa Brasil desde sua criação em 2019. O projeto tem disponibilizado conteúdos diários à comunidade externa, desde *posts* e *stories* no *Instagram*, além do Clube do Livro (com encontros mensais com enfoque em obras clássicas e contemporâneas, alternadamente), das maratonas de Leitura Coletiva (até agora diversas obras vitorianas já foram abordadas) e dos diversos cursos sobre Literaturas de Língua Inglesa sendo oferecidos até aqui, como o ciclo de cursos sobre os romances de Jane Austen que está sendo oferecido atualmente.

Além disso, o projeto tem contado com a participação dos colaboradores no formato de conversa, de modo que pesquisas acadêmicas sejam trazidas ao público em geral de forma muito séria e organizada na seleção de conteúdos, mas também de maneira mais descontraída na abordagem a fim de atrair o leitor comum (e aqui faço uso da concepção woolfiana do termo) que tem interesse em literatura inglesa, mas que talvez por uma questão logística ou por qualquer outro motivo não poderia fazer o curso de graduação em Letras na UERJ. Fico muito feliz de ter contribuído tanto no *Dalloway Day*, ao lado do Prof. Dr. Davi Pinho, quanto na entrevista sobre o romance *The Waves*, em preparação para o encontro seguinte no Clube do Livro. Vale ressaltar também as entrevistas realizadas no *blog* do Literatura Inglesa Brasil, assim como no perfil do *Instagram*, contando com a participação ilustre de Jane Goldman sobre a obra de Kirsty Gunn, Anne E. Fernald e sua organização da recente publicação da *Norton Critical Edition* de *Mrs. Dalloway* (2021), e Lawrence Flores a respeito de sua tradução de *Rei Lear* [de Shakespeare] (Penguin, 2020).

Ademais, a Profa. Dra. Marcela Santos Brigida, coordenadora do projeto, orienta dois monitores, Karen Beijer e Victor Lopes, que, além de auxiliar nos encontros com a comunidade externa, tem protagonizado os *posts* do segundo perfil do projeto no *Instagram*, criando conteúdos que divulgam os produtos do projeto e também engajando com seguidores na elaboração de conteúdos que conversem seus interesses acadêmicos pessoais com a cultura pop contemporânea.

Por fim, o projeto de extensão pretende integrar pesquisa e ensino no *I Encontro Literatura Inglesa Brasil – Literaturas de Língua Inglesa Hoje*, cujo objetivo é reunir professores, alunos, monitores e demais pesquisadores entre 22/08 e 25/08 de 2023 para promover discussões e trocas sobre a pesquisa na área de Literaturas de Língua Inglesa de forma aberta à comunidade externa e 100% gratuita. Quando digo que esse projeto é um luxo, e não canso de repetir, é porque não consigo imaginar outra forma de expressar o grande serviço que o Literatura Inglesa Brasil presta à sociedade como referência de seriedade e comprometimento com a educação pública no nosso país, além de também compactuar com uma ética de respeito à comunidade acadêmica e repensar suas práticas com vistas ao acolhimento.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? In: AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009, p. 55-76.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BRADSHAW, David. Introduction. In: WOOLF, Virginia. *Mrs Dalloway*. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. xi-xlv.

BRADSHAW, David. Introduction. In: WOOLF, Virginia. *The Waves*. Londres: Oxford University Press, 2015, p. xi-xxxix.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs – Capitalismo e esquizofrenia 2*, v. 4. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é uma literatura menor?. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka – Por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014, p. 33-53.

GOLDMAN, Jane. *The Feminist Aesthetics of Virginia Woolf – Modernism, Post-Impressionism and the Politics of the Visual*. New York: Cambridge University Press, 2001.

GOLDMAN, Jane. *Modernism, 1910-1945, Image to Apocalypse*. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2004.

MARCUS, Jane. Britannia Rules *The Waves*. In: MARCUS, Jane. *Hearts of Darkness – White Women Write Race*. New Jersey: Rutgers University Press, 2004, p. 59-85.

MAROUVO, Patrícia. Uma leitura sobre os insetos na festa de Mrs. Dalloway. *Revista Ártemis*, [S. 1.], v. 33, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/62617> Acesso em: 24/02/2023.

MAROUVO, Patrícia. Unveiling the contemporary in Virginia Woolf. *Ilha do Desterro*, v. 74, n. 1, p. 215-226, Florianópolis, jan/abr, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/74632/45278> Acesso em: 16/02/2023.

MAROUVO, Patrícia. *Uma poética hídrica em The Waves, de Virginia Woolf*. Curitiba: Appris, 2021.

WOOLF, Virginia. A Sketch of the Past. In: WOOLF, Virginia. *Moments of Being*. New York: Harcourt, 1985, p. 64-159.

WOOLF, Virginia. *Orlando*. Londres: Oxford University Press, 2015.

WOOLF, Virginia. *Selected Essays*. Londres: Oxford University Press, 2009.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do livro, 1990.

---

<sup>i</sup> “On the other hand, Woolf’s contemporaries, she argues, make the most of the sensory opportunities that are made available to them, converging towards something that appears to render the experience whole. And yet, they remain unsuccessful, missing the mark and leaving their readers with the feeling of senselessness”.

<sup>ii</sup> “disclos[e] the possibility of a mind that moves beyond the affirmation of sameness”.

<sup>iii</sup> “We may take advantage of this pause in the narrative to make certain statements. Orlando had become a woman – there is no denying it. But in every other respect, Orlando remained precisely as he had been. The change of sex, though it altered their future, did nothing whatever to alter their identity. Their faces remained, as their portraits prove, practically the same. His memory – but in the future we must, for convention’s sake, say “her” for “his”, and “she” for “he” – her memory then, went back through all the events of her past life without encountering any obstacle. Some slight haziness there may have been, as if a few dark drops had fallen into the clear pool of memory; certain things had become a little dimmed; but that was all. The change seemed to have been accomplished painlessly and completely and in such a way that Orlando herself showed no surprise at it. Many people, taking this into account, and holding that such a change of sex is against nature, have been at great pains to prove (1) that Orlando had always been a woman, (2) that Orlando is at this moment a man. Let biologists and psychologists determine. It is enough for us to state the simple fact; Orlando was a man till the age of thirty; when he became a woman and has remained so ever since”.

<sup>iv</sup> “From this I reach what I might call a philosophy; at any rate it is a constant idea of mine; that behind the cotton wool is hidden a pattern; that we – I mean all human beings – are connected with this; that the world is a work of art; that we are parts of the work of art. Hamlet or a Beethoven quartet is the truth about this vast mass we call the world. But there is no Shakespeare, there is no Beethoven; certainly and

*emphatically there is no God; we are the words; we are the music; we are the thing itself. And I see this when I have a shock”.*

<sup>v</sup> *“In reading we have to allow the sunken meanings to remain sunken, suggested, not stated; lapsing and flowing into each other like reeds on the bed of the river”.*

<sup>vi</sup> *“It is only a question of finding the right words and putting them in the right order. But we cannot do it because they do not live in dictionaries; they live in the mind. And how do they live in the mind? Various and strangely, much as human beings live, by ranging hither and thither, by falling in love, and mating together. It is true that they are much less bound by ceremony and convention than we are. Royal words mate with commoners. English words marry French words, German words, Indian words, Negro words, if they have a fancy”.*

<sup>vii</sup> *“For my belief is that if we live another century or so – I am talking of the common life which is the real life and not the little separate lives which we live as individuals – and five hundred a year each of us and rooms of our own; if we have the habit of freedom and the courage to write exactly what we think; if we escape a little from the common sitting-room and see human beings not always in their relation to each other but in relation to reality; and the sky, too, and the trees or whatever it may be in themselves; if we look past Milton’s bogey, for no human should shut out the view; if we face the fact, for it is a fact, that there is no arm to cling to, but that we go alone and that our relation is to the world of reality and not only to the world of men and women, then the opportunity will come and the dead poet who was Shakespeare’s sister will put on the body which she has so often laid down. Drawing her life from the lives of the unknown who were her forerunners, as her brother did before her, she will be born. As for her coming without that preparation, without that effort on our part, without that determination that when she is born again she shall find it possible to live and write her poetry, that we cannot expect, for that would be impossible. But I maintain that she would come if we worked for her, and that so to work, even in poverty and obscurity, is worthwhile”.*

<sup>viii</sup> Disponível em: <https://literaturainglesa.com.br/extensao/>. Acesso em 24 de fevereiro de 2023.



# Between the waves of Virginia Woolf: an interview with Patricia Marouvo

Patricia Marouvo Fagundes (UERJ)<sup>i</sup>

## Interviewers:

Paula P. Ramos (UERJ/CAPES)<sup>ii</sup>

Marcela Azevedo (UERJ/CAPES)<sup>iii</sup>

As one of the interviewees for the miscellaneous issue of *Palimpsesto*, the Post-graduate student's journal of Rio de Janeiro State University (UERJ), we have the pleasure of talking with Patricia Marouvo. The conversation revolves around her academic production on the British author Virginia Woolf and her research and extension projects, with a special focus on contemporary readings of Woolf, on Woolf's contemporaneity and Marouvo's hydric poetics, one that she develops to read *The waves* (1931), as well as the theme of becoming-minority in other works by the British author.

Marouvo is PhD in Comparative Literature (Universidade Federal do Rio de Janeiro), where she also took a master's degree in Poetics and an undergraduate course in Portuguese/English. Nowadays, she is a professor of English literature at UERJ, where she also took a post-PhD internship with research on the seasonal quartet of Ali Smith. Among her bibliographical productions, we can find *Uma poética hídrica em The Waves, de Virginia Woolf* (2021) [*A hydric poetics in Virginia Woolf's The*

---

<sup>i</sup> Professor of English Literature at Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). She holds a PhD in Comparative Literature (Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019). She is the author of *Uma poética hídrica em The Waves, de Virginia Woolf* (2021). She has published articles and book chapters on Virginia Woolf, developing a philosophical reading of the writer's oeuvre. She is a research member of Grupo de Estudos em Literatura e Estudos Comparados (Universidade Federal do Acre) and of KEW – Kyklos de Estudos Woolfianos (Universidade Federal de Santa Catarina). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5506-953X> | E-mail: [patriciamarouvo@yahoo.com.br](mailto:patriciamarouvo@yahoo.com.br)

<sup>ii</sup> PhD student in Literary Studies at Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Editor-in-chief of *Palimpsesto*. Member of the research group Poéticas identitárias (CNPq). CAPES scholar. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9148-9240> | E-mail: [ppoperamos@gmail.com](mailto:ppoperamos@gmail.com)

<sup>iii</sup> PhD student in Portuguese Literature at Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Member of *Palimpsesto*. CAPES scholar. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7913-6960>. | E-mail: [marcelaansaloni@hotmail.com](mailto:marcelaansaloni@hotmail.com)

Waves], and *Vozes femininas na literatura* (EDUFAC, 2020) [*Female voices in literature*] and *A prosa poética de Virginia Woolf* (Ape’Ku, 2021) [*Virginia Woolf’s poetic prose*], books which she coedited. She has research in the following groups: Grupo de Estudos em Literatura e Estudos Comparados (UFAC) and KEW – Kyklos de Estudos Woolfianos (UFSC).

Lovingly, we appreciate her dedicating her time to give this interview that, we hope, may guide other researchers engaged in the same areas.

## **PALIMPSESTO**

1) Your projects are especially directed towards Virginia Woolf’s fictional and essayistic production. Among articles, book chapters and books, you are mainly focused on the novel *The waves* (1931). As is common in our interviews, we appreciate asking about our interviewee’s personal and professional trajectory. It is not unusual to hear in the academic field that we do not choose our research, but rather it chooses us. Thus, could you tell us, even though briefly, what called your attention to Woolf and *The waves* more specifically?

## **PATRICIA MAROUVO**

First, I would like to thank *Palimpsesto*’s invitation to participate in this issue as a professor-researcher in an interview. I have been closely following the work done, having contributed as author and referee, and I would like to congratulate the journal on its new grade recently achieved, having been contemplated with a Qualis B1 by CNPq.

Answering the question, I would say that the novel *The Waves*, by Virginia Woolf, has incited me to research in a very natural way, almost as a necessary next step in my academic trajectory. Having just finished my master’s research on the novel *Água viva* [The Stream of Life] (1973), by Clarice Lispector, I intended to develop a comparative study of both novels. I was not expecting, however, to nurture a great admiration for the Woolfian works, and, thus, my PhD research project took different contours. The novel’s form attracted me a lot because it was an astonishment to find the characterization of the characters Bernard, Neville, Louis, Jinny, Susan and Rhoda made in such a particular way, as in waves that cyclically overlap and confuse one

another in a continuous movement. Thinking about identity based on this radical alterity of a great abstract Wave, as Deleuze and Guattari suggest in the fourth volume of the collection *A Thousand Plateaus* (2012), seemed to me an interesting key to reading and understanding the level of union/separation of the characters in their process of growing throughout the years. Furthermore, the interludes also seemed quite suggestive of a creative gesture that sought to rethink the form of the novel, besides working as a connection to the human world with an inhuman life, something that also allowed for a philosophical reading of the Woolfian work. Ultimately, as I delved deeper into the critical debate on the novel – especially in reading Goldman (2001; 2004), Bradshaw (2015), and Marcus (2004) –, I came across elements that realigned my understanding of the way of contemplating her work as a political aesthetics. I mention, more specifically, the feminist questions (thematized in the incorporation of female marginalized figures in the interludes, for example) and anti-imperialists (better synthesized in the seventh character Percival, the solar hero that should fix the Oriental mistakes, but, parodically, accidentally dies after his horse stumbles) that colours the pages of *The Waves*.

## **PALIMPSESTO**

2) In your article, “Unveiling the contemporary in Virginia Woolf”, you discuss Woolf’s critical appraisal of the contemporaneity of her contemporaries, as well as shed light on philosophical questions we may find in the English author’s writings. Throughout the text, you intertwine Woolf (with “A sketch of the past”, “The Modern essay” and “How it strikes a contemporary”) with Italian philosopher Giorgio Agamben. The latter, in “What is contemporary?” (2009) deals with the difficulty of apprehending the present moment, except by distancing oneself from one’s own reality, one’s own time. According to him, the contemporary “is precisely the person, who is able to write by dipping his pen in the obscurity of the present” (2009, p. 44), something you understand as the double condition of “belonging” and “unbelonging” (MAROUVO, 2021, p. 218). In “How it strikes a contemporary”, you point to Woolf’s claim on her contemporaries:

On the other hand, Woolf’s contemporaries, she argues, make the most of the sensory opportunities that are made available to them, converging towards something that appears to render the experience whole. And yet, they remain unsuccessful, missing the mark and leaving their readers with the feeling of senselessness. (MAROUVO, 2021, p. 218)

People that, therefore, would not be capable of crossing experiences, notably the masculine and the feminine, resulting in what Woolf defends as androgyny, capable of “disclosing the possibility of a mind that moves beyond the affirmation of sameness” (MAROUVO, 2021, p. 223), with William Shakespeare being the primary example of an androgynous mind in literature. Crossing, as you do along the text, androgyny with Agamben’s idea of contemporaneity, would it be possible to say that Woolf, in a way, anticipates the Italian philosopher when questioning the role of her contemporaries? Besides, could you talk a little more about the connection that can be made, if there is any, between Woolf’s androgyny and Agamben’s characterisation of the contemporary?

## **PATRICIA MAROUVO**

I would not necessarily say that Virginia Woolf anticipates Agamben, but in fact that she is able to do a critical reading of her contemporaries, which, in a way, means putting in practice a non-complete adhesion to the literary trends of her time, that is, she is not guided only by the public’s or critic’s reception or limits herself to a logic dictated by the market. In doing so, and it is worth pointing out that the Hogarth Press gives Woolf much freedom to write and publish her works, she admits the possibility of reconfiguring relations in her writings, thinking about the most varied techniques that today we coin as Modernist in order to aesthetically support her vision that is also a political attack on institutions that reach the Edwardians and Georgians (to use the expressions Woolf chooses when mentioning her contemporaries in “Modern Fiction” (1925)) as a Victorian legacy that needs to be received differently.

This happens mostly in her critique on the construction of gender woven into her work as a whole, the masculine being vehemently attacked when a representative of the effacing of the differences embodied by the Other, in this case, more specifically, understood as feminine, since we are working with the legacy of opposite binaries. An observation, however, is the strength that a queer reading admits when viewing in the Woolfian work the movement that the author makes going beyond these constructs. The novel *Orlando, A Biography* (1928) is an excellent example in that the biographer in the biography-novel that he/she writes about Orlando promotes the confusion of genders that does not explain the transformation the character goes through one day when waking up as a woman at the age of 34, without, however, having lost her memory of the previous life when she was still a man. I believe that it is worth citing that passage

of the novel, especially due to its clarity, its sense of humour and its critical appraisal of the making of genders:

We may take advantage of this pause in the narrative to make certain statements. Orlando had become a woman – there is no denying it. But in every other respect, Orlando remained precisely as he had been. The change of sex, though it altered their future, did nothing whatever to alter their identity. Their faces remained, as their portraits prove, practically the same. His memory – but in the future we must, for convention’s sake, say “her” for “his”, and “she” for “he” – her memory then, went back through all the events of her past life without encountering any obstacle. Some slight haziness there may have been, as if a few dark drops had fallen into the clear pool of memory; certain things had become a little dimmed; but that was all. The change seemed to have been accomplished painlessly and completely and in such a way that Orlando herself showed no surprise at it. Many people, taking this into account, and holding that such a change of sex is against nature, have been at great pains to prove (1) that Orlando had always been a woman, (2) that Orlando is at this moment a man. Let biologists and psychologists determine. It is enough for us to state the simple fact; Orlando was a man till the age of thirty; when he became a woman and has remained so ever since. (WOOLF, 2015, p. 83-84)

Linguistic markings such as “he”, “she”, “his” and “her” are seen as mere conventions that are not able to account for the complexity of the movement of becoming. Similarly, the attempt to reduce the changing of sex through which Orlando goes to something feasible or logical is mocked by the narrative voice. This happens because it does not keep up with the dynamicity with which the character metamorphoses into other selves throughout the almost 400 years, from the Renaissance until 1928 (date when the right to vote was extended to women over 21 years of age), making a parallel with the idea of British identity, rewritten via androgyny. It is through this refusal to align with a mixed sentiment of nationalism and patriarchalism in the between wars that Woolf redraws the contours of British identity as inclusive of difference, which, in consequence, is highly contemporary because she sees the darkness in the lights of her time.

## **PALIMPSESTO**

3) In the introduction to your book, *Uma poética hídrica em The Waves, de Virginia Woolf*, you tell us, linking Romanticism and Modernism, that:

The modernist reading, however, makes contemporary the romantic look precisely because it still questions its own concept of identity of a subject that poses itself in the world, anticipating what, with the post-modernists, we would understand as the continuous construction of identity from alterity.<sup>i</sup> (MAROUVO, 2021, p. 13)

You place Woolf within this modernist (and romantic) trend of creating tension between the limits of the contours of identity when proposing, as some sort of ethics of alterity, the meeting with the Other as a way of finding oneself. In this sense, how Woolf fits in this attitude that is not only modernist but also one that belongs to contemporary philosophy?

## PATRICIA MAROUVO

The aim of bringing Woolf's work closer to contemporary philosophy texts in the book was not only to show how current the issues that mobilise her writings are but also to pay attention to the possibility of their philosophical unfolding, based on the following passage of "A Sketch of the Past", her memoirs written between 1939 and 1940:

From this I reach what I might call a philosophy; at any rate it is a constant idea of mine; that behind the cotton wool is hidden a pattern; that we – I mean all human beings – are connected with this; that the world is a work of art; that we are parts of the work of art. Hamlet or a Beethoven quartet is the truth about this vast mass we call the world. But there is no Shakespeare, there is no Beethoven; certainly and emphatically there is no God; we are the words; we are the music; we are the thing itself. And I see this when I have a shock. (WOOLF, 1985, p. 72)

Reflecting on the author's philosophical impulse means thinking about the worlds operated in works of art; more specifically, in my case, I wanted to think about the literary doing still possible to the writer in *The Waves*, Bernard in his final summary. In mentioning the words (and here I include the silence) that we are, Woolf signals the potential contained in language to think about the human and what we do with the fragments of tradition, shaping a whole. Likewise, Bernard tries, through the tortuous paths of memory, to retell what his life and that of his friends were like to a listener in a restaurant – an attempt similarly compared to taking a bunch of grapes in his hands and passing them on. Language, however, seems to fail, making a univocal and teleological discourse impossible, making it necessary, in short, to use smaller, broken language, such as the babble of children or the murmur of lovers. Only thus, Bernard ponders,

would it be possible to suggest or to point to a narrative that would become a whole intersected by different perspectives, reorganising representational relationships and meanings continuously reconstructed in the text. Collage, one of the ways of composition of literary and visual arts widely used in Modernism, according to Goldman (2004), helps Bernard in his task, as it brings together the plurality of voices that constitutes him.

In my response to Woolf's novel, I also wanted to make use of this collage, bringing voices of expert criticism as well as contemporary philosophy into my study. More specifically, regarding the issue of identity placed in tension with alterity, I thought it would be more fruitful, as I mentioned earlier, to work with Deleuze and Guattari (2012) in their reading of *The Waves*. According to the French philosophers, a great abstract Wave seems to run through the entire narrative plane and bring together all the characters in the same single movement of deterritorialization along different lines of flight. Thus, any attempt to circumscribe identities based on the most diverse social roles, ages and sexes becomes frustrated, as these dimensions are confused and interpenetrate one another, together with the elements and natural realms, making it impossible for the crystallisation of vital movements that run away from a single centre, an absolute way of understanding and manifesting reality.

## **PALIMPSESTO**

4) Still on *Uma poética hídrica em The Waves, de Virginia Woolf* (2021), you mention Gaston Bachelard and *Water and dreams* (1942) to discuss the images of water that, in turn, bring the idea of double: even though in a surface that seems and looks monotonous and chill, there may be, hidden in the deep, a wild current that drags us far away. Away from who we think we are and close to the other, that composes us. Thus, you develop your "hydric poetics" in *The Waves*: "Gathered in the bosom of language, the flow of human life and the flow of being are mixed with the currents of becoming of the hydric poetics that is *The Waves*"<sup>iii</sup> (MAROUVO, 2021, p. 121). Woolf's novel is flooded with references to water, which you bring forth throughout your book. Therefore, there remains the curiosity of whether this hydric poetics that you identify in *The waves*, allusion present even in the title of the novel, also becomes tide in other fictional and essayistic productions of the author. Besides, to the ones who do not yet know your book, could you speak a little more on your hydric poetics?

## PATRICIA MAROUVO

By hydric poetics I mean what I understand to be a metaphorical complex of water that permeates *The Waves*, both in the interludes and in the episodes that follow. The different ways how water is presented mobilise and integrate not only the main characters in their flows and becoming in the process of maturation of consciousness from childhood to old age, but also references the framing of the narrative in line with the non-human element. I think of examples that span from the drop of water when Bernard is shaving, which I equate with an epiphanic moment, or, in Woolfian terms, a moment of being, with natural cycles, which also encompass human life, although in Modernity we are led to believe in the separation between nature and culture. According to Bachelard (2002, p. 193), “water is the mistress of fluid language, of language without abruptness, of continuous language, continued, of language that slows the rhythms, which provides a uniform material to different rhythms”<sup>iii</sup>, which can be found in the novel, specifically if we consider how the soliloquies of different characters interpenetrate in the appropriation of visual and acoustic images, in addition to the sinuosity of metaphors present in the interludes that infiltrate the episodes of human life.

As for other examples of a hydric poetics, I risk pointing out the vastness of waters that separate Rachel Vinrace from her homeland in her coming-of-age journey in *The Voyage Out* (1915), or the humidity that fills the Ramsay family’s summer home and their trip to the lighthouse postponed for ten years in *To the Lighthouse* (1927), or the interrupted train of thought of the narrator of *A Room of One’s Own* (1929) by the oarsmen who cross the river that serves as inspiration for her reflections, or the withdrawal of language that Woolf alludes to in the essay “Craftsmanship” (1937) in the passage “In reading we have to allow the sunken meanings to remain sunken, suggested, not stated; lapsing and flowing into each other like reeds on the bed of the river” (WOOLF, 2009, p. 36). These few examples already give some dimension of what this natural element assumes in Woolf’s work, and, based on an extensive mapping, it could be an interesting focus for future research.



## **PALIMPSESTO**

5) In your latest published article, on issue one in 2022 in the journal *Ártemis*, you bring a very interesting perspective on the figuration of Woolfian insects, the becoming-insect and the processes of identity and gender formation. Besides, you argue that the short stories “The introduction” (1973) and “The new dress” (1927), by Virginia Woolf, possess the characteristics listed by Gilles Deleuze and Félix Guattari, in *Kafka – toward a Minor Literature* (1975), that are necessary to be denominated as “minor literature”, notably “the deterritorialization of language, the connection of the individual to a political immediacy, and the collective assemblage of enunciation” (DELEUZE; GUATTARI, 1986, p. 18). Thus, the becoming-minority made possible by Woolf’s minor literature would act as a starting point for the revaluation and change of repetitive patriarchal social behaviours. Nevertheless, this becoming-minority does not occur in other canonical works by Woolf?

## **PATRICIA MAROUVO**

Absolutely! In the aforementioned article, more specifically I wanted to focus on the becoming-insect in the short stories “The introduction” and “The new dress”, but there are several becomings that are triggered in Woolf’s works as a whole. This is because, in general, Virginia Woolf sought to deterritorialize the English language in order to make new connections and bring perspectives other than those already consolidated by common use. Still in the essay “Craftsmanship”, Woolf emphasises the need to contextualise words, which do not live in dictionaries, whose purpose of lexical organisation and domestication could lead to reterritorialization, that is, to the stagnation of new meanings to be used by users of a language, but rather in the wide freedom of the human mind. In addition, the erratic movement of words points to a nomadism that can be considered politically dangerous, because it does not admit insurmountable boundaries between class, nationality, race, among other identity categories, as can be seen in the passage below:

It is only a question of finding the right words and putting them in the right order. But we cannot do it because they do not live in dictionaries; they live in the mind. And how do they live in the mind? Various and strangely, much as human beings live, by ranging hither and thither, by falling in love, and mating together. It is true that they are much less bound by ceremony and convention than we are. Royal words mate with commoners. English words marry French words, German words, Indian words, Negro words, if they have a fancy. (WOOLF, 2009, p. 89-90)

Furthermore, the individual is necessarily connected to the immediate-political in Woolf's works, allowing access to the ramifications of great historical events. This happens because it is from the individual cases that the whole plot is woven, interconnecting men and women from different social classes and nationalities. In *Mrs. Dalloway* (1925), for instance, in constantly making critiques to the British Empire in India and reminding us of the effects of the First World War, from the Armenian genocide and the emigration to Canada, the narrative voice weaves together different historical instances in the developing arch of several characters. We must remember that, in Mrs. Dalloway's party, we meet none other than the Prime Minister. It is in this party, by the way, that Sir William Bradshaw and Richard Dalloway (a conservative member of Parliament) try to approve a bill that deals with the effects of the shellshock (BRADSHAW, 2009), whose consequences would directly impact Septimus Warren Smith had he not committed suicide moments before in the novel. That is, this party directly allows the narrative voice to get close to each guest, keeping in mind, however, the greater political context of the British Empire in the post-war period in which the characters are inserted.

Finally, the collective agency of enunciation in Woolf's writings turns into a network of interdependence woven in her works, as is the case of Judith Shakespeare in *A Room of One's Own*. In this essay, the narrator supplements the history of English literature with a fictional character as a means of reimagining possible futures in which women writers could be able to practice their art and populate spaces previously travelled only by men. The material conditions that Woolf proposes with her thesis – a room of one's own and 500 pounds a year – would allow for a rearticulating of roles available and professions open to women in her time. By addressing her reading public through the essay's narrative voice, the enunciation reaches the collective precisely because it aims at the common life, which we share, bringing everyone together based on the vulnerability that being a woman in 1929 consists of, no matter if new professions were open to them, as the passage below summarises:

For my belief is that if we live another century or so – I am talking of the common life which is the real life and not the little separate lives which we live as individuals – and five hundred a year each of us and rooms of our own; if we have the habit of freedom and the courage to write exactly what we think; if we escape a little from the common sitting-room and see human beings not always in their relation to each other but in relation to reality; and

the sky, too, and the trees or whatever it may be in themselves; if we look past Milton's bogey, for no human should shut out the view; if we face the fact, for it is a fact, that there is no arm to cling to, but that we go alone and that our relation is to the world of reality and not only to the world of men and women, then the opportunity will come and the dead poet who was Shakespeare's sister will put on the body which she has so often laid down. Drawing her life from the lives of the unknown who were her forerunners, as her brother did before her, she will be born. As for her coming without that preparation, without that effort on our part, without that determination that when she is born again she shall find it possible to live and write her poetry, that we cannot expect, for that would be impossible. But I maintain that she would come if we worked for her, and that so to work, even in poverty and obscurity, is worthwhile. (WOOLF, 1990, p. 138)

## **PALIMPSESTO**

6) You take part in two research groups, Grupo de Estudos em Literatura e Estudos Comparados (UFAC) [Research Group in Literature and Comparative Studies] and KEW – Kyklos de Estudos Woolfianos (UFSC) [KEW – Kyklos of Woolfian Studies]. Could you comment on the work developed in these groups and, also, the importance of researchers engaging in such activities?

## **PATRICIA MAROUVO**

Both groups have been created recently, GLIEC in the second semester of 2019, and KEW, in the second semester of 2021, having as their main purpose a collaborative work between different institutions across the country so as to create a network of exchange between researchers. With GLIEC, we wanted to consolidate a group that would focus on literary studies through different critical theories and perspectives. Some of the main products of this group were the colloquium “Vozes femininas na literatura” [Female voices in literature] (UFAC), which I co-organised with professor Dr. Maysa Dourado, and professor Dr. Maria Aparecida de Oliveira. This event ended up inspiring us to edit the book *Vozes femininas na literatura* (EDUFAC, 2020), which contemplates essays based on the lectures given in that event, as well as essays from the other participants of GLIEC that, unfortunately, were not able to participate in the colloquium due to logistical reasons.

With KEW, the aim was to unite researchers whose theme of research would directly be connected to Virginia Woolf's works – a network that has been ever growing

in Brazil. Still in 2022, some of the most meaningful products were the symposium “Virginia Woolf e a escrita modernista” [Virginia Woolf and Modernist writing], in ABRALIC [Brazilian Association of Comparative Literature], as well as the dossier “Virginia Woolf e a cena modernista: 1922-2022” [Virginia Woolf and the Modernist scene: 1922-2022], in *Artémis* journal, both organised by professor Dr. Davi Pinho, professor Dr. Maria Aparecida de Oliveira and professor Dr. Nícea Nogueira. Also in 2022, we had the dossier “Virginia Woolf e Jane Austen: Leituras centenárias” [Virginia Woolf and Jane Austen: centenary readings], in *Ipotesi* journal, which I co-edited with professor Dr. Davi Pinho, professor Dr. Maria Aparecida de Oliveira, professor Dr. Maria Rita Drumond and professor Dr. Nícea Nogueira. Furthermore, a joint product of both GLIEC and KEW is “Celebrando Woolf” [Celebrating Woolf], the result of the extension project coordinated by professor Dr. Victor Santiago. I understand that the main importance of these research groups is the collaboration made possible between researchers, as a means to provide different researches developed a fruitful space for dialogue and updating, besides the common efforts of bringing forth new academic products to be disseminated.

## **PALIMPSESTO**

7) Since last year, you have been participating in an extension project that caught our attention, “Literature Inglesa Brasil” [English Literature Brazil]. The project’s mission, according to its site<sup>iv</sup>, is:

Our quest is for a university without walls and borders. Opening a communication channel with the community, we seek to enrich our pedagogical and academic practices with the exchanges and the reach offered by a digital platform and social media. Having as a guiding principle the mission of rethinking our practices of teaching and researching English literature in our country, we intend to investigate how the tools offered by the field of Digital Humanities may be incorporated and produced in the context of studying and teaching foreign literature in Brazil.<sup>v</sup>

It is undeniable the impact of technology in our current days in all aspects of our lives, ranging from our capacity of assimilating information to the time we are able to maintain focus on a certain subject, besides the accessibility to education. Furthermore, the matter of integrating the university with the community is a common theme in the

academic field. We would like to ask you to share a little about the results obtained so far with the project and in what measure its mission has been accomplished.

## **PATRICIA MAROUVO**

I have been closely following Literatura Inglesa Brasil since its creation in 2019. The project has been making available daily content to the external community, from posts and stories on Instagram, besides the Book Club (with monthly meetings focusing in classical and contemporary works of literature, alternately), Collective Reading marathons (until now several Victorian works have been read) and other courses on English language literature are being offered, as, for instance, the cycle of courses on Jane Austen that is currently being held.

Besides that, the project has had the participation of collaborators in a conversation format, so that academic researches can be brought to the public in general in a very serious and organized way when it comes to the selection of content, but also in a more relaxed approach so as to attract the common reader (and here I use the Woolfian conception of the term) that is interested in English literature, but that, for some logistical reason or any other, would not be able to undertake a undergraduate course in English at UERJ. I am very glad to have contributed both in *Dalloway Day*, along with professor Dr. Davi Pinho, and in the interview on the novel *The Waves*, in preparation to the following meeting of the Book Club. It is also worth mentioning the interviews held in Literatura Inglesa Brasil's blog, as well as its profile on Instagram, with the illustrious participation of Jane Goldman commenting on the work of Kirsty Gunn, Anne E. Fernald and her recently-edited *Norton Critical Edition of Mrs. Dalloway* (2021), and Lawrence Flores talking about his translation of [Shakespeare's] *King Lear* (Penguin, 2020).

Furthermore, professor Dr. Marcela Santos Brigida, the project's coordinator, supervises two monitors, Karen Beijer and Victor Lopes, who, besides helping in the meeting with the external community, have been starring in the posts of the second profile of the project on Instagram, creating content that publicizes the project as well as engages with followers in the elaboration of contents that connected with their personal academic interests and contemporary pop culture.

Finally, the extension project aims at integrating research and teaching in *I Encontro Literatura Inglesa Brasil – Literaturas de Língua Inglesa Hoje* [First Meeting of Literatura Inglesa Brasil – English language literatures today], whose objective is to bring together professors, students, monitors and other researchers between August 22 and 25, 2023, in order to promote discussions and exchange on research in the field of English language literatures in an open way to the external community and completely free. When I say this project is a luxury, something that I cannot stop repeating, it is because I cannot imagine another way of expressing the great service that Literatura Inglesa Brasil provides to society as a reference of seriousness and commitment with public education in our country, in addition to also having a respectful ethics to the academic community and rethinking its practices when it comes to welcoming others.

## References

AGAMBEN, Giorgio. What is contemporary? In: AGAMBEN, Giorgio. *What is an apparatus? And other essays*. Translated by: David Kishik and Stefan Pedatella. Stanford: Stanford UP, 2009, p. 39-54.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BRADSHAW, David. Introduction. In: WOOLF, Virginia. *Mrs Dalloway*. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. xi-xlv.

BRADSHAW, David. Introduction. In: WOOLF, Virginia. *The Waves*. Londres: Oxford University Press, 2015, p. xi-xxxix.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs – Capitalismo e esquizofrenia 2*, v. 4. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. What is a minor literature? In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka – toward a minor literature*. Translated by: Dana Polan. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1986, p. 16-27.

GOLDMAN, Jane. *The Feminist Aesthetics of Virginia Woolf – Modernism, Post-Impressionism and the Politics of the Visual*. New York: Cambridge University Press, 2001.

GOLDMAN, Jane. *Modernism, 1910-1945, Image to Apocalypse*. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2004.

MARCUS, Jane. Britannia Rules *The Waves*. In: MARCUS, Jane. *Hearts of Darkness – White Women Write Race*. New Jersey: Rutgers University Press, 2004, p. 59-85.

MAROUVO, Patrícia. Uma leitura sobre os insetos na festa de Mrs. Dalloway. *Revista Ártemis*, [S. l.], v. 33, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/62617> Acesso em: 24/02/2023.

MAROUVO, Patrícia. Unveiling the contemporary in Virginia Woolf. *Ilha do Desterro*, v. 74, n. 1, p. 215-226, Florianópolis, jan/apr, 2021. Available at: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/74632/45278> Accessed on: 16/02/2023.

MAROUVO, Patrícia. *Uma poética hídrica em The Waves, de Virginia Woolf*. Curitiba: Appris, 2021.

WOOLF, Virginia. A Sketch of the Past. In: WOOLF, Virginia. *Moments of Being*. New York: Harcourt, 1985, p. 64-159.

WOOLF, Virginia. *Orlando*. Londres: Oxford University Press, 2015.

WOOLF, Virginia. *Selected Essays*. Londres: Oxford University Press, 2009.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do livro, 1990.

---

<sup>i</sup> “A leitura modernista, no entanto, torna contemporâneo o olhar romântico exatamente por ainda questionar o próprio conceito de identidade de um sujeito que se põe no mundo, antecipando o que, com os pós-modernistas, entenderíamos ser a contínua construção de identidade a partir da alteridade.”

<sup>ii</sup> “Reunidos no seio da linguagem, o fluir da vida humana e o fluir do ser misturam-se a correntes do devir da poética hídrica que é *The Waves*.”

<sup>iii</sup> Translated from: “a água é a senhora da linguagem fluida, da linguagem sem brusquidão, da linguagem contínua, continuada, da linguagem que abrandando o ritmo, que fornece uma matéria uniforme a ritmos diferentes”.

<sup>iv</sup> Available at: <https://literaturainglesa.com.br/extensao/> Accessed on February 24, 2023.

<sup>v</sup> “Nossa busca é por uma universidade sem muros e sem fronteiras. Abrindo um canal de comunicação com a comunidade, procuramos enriquecer nossas práticas pedagógicas e acadêmicas com as trocas e o alcance oferecidos por uma plataforma digital e pelas redes sociais. Tendo como fio condutor a missão de repensar continuamente nossas práticas de ensino e pesquisa de literatura inglesa no nosso país, pretendemos investigar como as ferramentas oferecidas pelo campo das Humanidades Digitais podem ser incorporadas e produzidas no contexto do estudo e ensino de literatura estrangeira no Brasil.”